

Uma celebração a grandes musicais em show único

PÁGINA 3



Adi Oasis volta ao país para shows no Rio e em SP

PÁGINA 7



Jacques Martial, uma voz ativa pelo decolonialismo

PÁGINA 14



## 2º CADERNO

# 'Rusalka', de Dvorák, estreia no Rio

Elenco de peso participa da montagem da célebre ópera do compositor tcheco

**P**ela primeira vez no palco do Theatro Municipal do Rio, a ópera "Rusalka", de Antonín Dvorák (1841-1904), com Coro e Orquestra Sinfônica da casa, estreia nesta quinta-feira (14). A montagem é uma co-produção com o Auditório de Tenerife, na Espanha, país onde esteve em cartaz em março deste e agora, chega ao Brasil. A concepção e direção cênica é de André Heller-Lopes e a direção musical e regência ficam a cargo de Luiz Fernando Malheiro.

O argumento da ópera, que foi encenada pela primeira vez em 1901, é baseado numa fábula popular da Morávia, região da atual República Tcheca. Rusalka, a fada dos lagos, pede a

uma bruxa que a transforme em mulher para se entregar ao amor de um jovem príncipe. O poder da bruxa é limitado e a ninfa converte-se numa princesa muda.

A montagem contará com um elenco convidado de peso como Ludmila Bauerfeldt e Paolla Soneghetti, Giovanni Tristacci, Eliane Coelho e Tati Helene, Licio Bruno e Murilo Neves, Denise de Freitas e Fernanda Schleder, alternando-se nos principais papéis.

"Rusalka chega com elencos repletos de estrelas da lírica nacional, além de debuts em nossa temporada oficial. Conta ainda com alguns dos melhores artistas da casa. O Coro e a OSTM estão sob a regência do maestro Luiz Fernando Malheiro, que retorna ao nosso palco, após o grande sucesso de "La Traviata". Realmente, é imperdível essa linda produção", destaca o diretor artístico da Fundação Teatro Municipal do

Rio de Janeiro, Eric Herrero.

"Encenar Rusalka em pleno 2024 é como tentar encontrar uma "abertura", uma passagem mística que reconecta nosso mundo duro e muitas vezes cruel com uma certa esperança mágica das lendas. Um clássico com um desvio inesperado, um sabor especial", comenta o diretor cênico, André Heller-Lopes.

### SERVIÇO

#### RUSALKA

Theatro Municipal do Rio de Janeiro (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia)

14, 16 e 22/11, às 19h | 24/11, às 17h

Ingressos: Frisas e Camarotes – R\$ 90 (individual) | Plateia e Balcão Nobre – R\$ 80 | Balcão Superior e Lateral – R\$ 50 | Galeria Central e Lateral – R\$ 20

# Alma, coração e cabeça



Com direção de Inez Viana, o espetáculo 'Último Ensaio' celebra os 15 anos da Cia Omondé

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**A** Cia Omondé tem alma, coração, cabeça, desde a sua fundação. Fundado pela diretora e atriz Inez Viana, composto por um grupo talentoso, coeso, agora comemora 15 anos de intensos trabalhos com “Último Ensaio”. O elenco é formado por seis integrantes da Omondé — Carolina Pismel, Debora Lamm, Júnior Dantas, Leonardo Bricio, Luis Antonio Fortes, Zé Wendell – e por duas atrizes e um ator convidados — Jade Maria Zimbra, Lux Nêgre e Jefferson Melo.

Inez começa a experimentar a direção artística ao fim da pós-graduação quando dirigiu uma peça com dois atores. Hoje dirige o grupo com nove atores e escreve “Último Ensaio” com influência de dois autores brasileiros: Joca Reiners Terron e Paulo Scott.

Leitora voraz, em busca de tudo o que pode virar teatro, Inez conta que começou sua ligação com Ariano Suassuna desde cedo. Trabalhava com Aderbal Freire Filho em 1987, quando esse lhe conta que presenteava as pessoas com “A Pedra do Reino”, de Suassuna. Inez compra o livro e aí começa a história que lhe é presente até hoje.

Apesar de ser ótima comedianta e ter



participado com sucesso de vários musicais, Inez chega a fazer dueto com Chico Buarque em Biscate (“Quase morri quando vi Chico chegar para gravar comigo”) em seu disco “Samba no Teatro”.

O espírito de Inez é da alma cantante, como os artistas do Nordeste que cantam, dançam, atuam de uma alegria exuberante, do deboche crítico, de um teatro que une o grupo e transborda para a plateia essa capacidade de fazer um teatro que une o tradicional, o criativo no mesmo palco.

Os fatos do cotidiano levam Inez a va-

rias instancias. Aceita o convite de Joao Botelho para fazer uma peça no Festival de Angra. A peça é a inédita “As Conchambranças de Quaderna”, que produz dois efeitos. O encontro definitivo de Inez com Suassuna e a criação da Cia Omondé.

Mas o trabalho de Inez se estende à participação em sucessos definitivos como o musical “Sassaricando”; dirige show instrumental de Hamilton de Hollanda toca Chico; vai a Paris participar do espetáculo de leituras das cartas que Luis Inácio Lula da Silva recebeu na prisão. Participa de residências que mudaram a sua vida.

Conta que artistas como Cristina Jatahy, Mariana Lima, Emilio de Mello, Enrique Diaz fazem com que a sua carreira avance.

Inez volta aos bancos escolares para fazer a Faculdade de Teatro. Em 2007, como final de curso dirige oito montagens nas quais pode experimentar tudo o que gostaria de saber as possibilidades. Nesse ano ainda, encena “A Mulher que Escreveu a Bíblia”, absoluto sucesso que enfileira plateias esgotadas durante anos.

Inez é leonina, doce, animada, apaixonada. Começou seu relacionamento com Débora Lamm em um ensaio e retomaram em uma ensaio. Aplica em sua vida o que há de melhor no teatro. Inovar, criar, formar parcerias permanentes, entender que o conjunto, ainda que se passeio por vários gêneros, há sempre um lugar para retornar: o palco cuja função é fazer que o artista se encontre com a platéia. Que cada representação seja mais do que o aplauso final. Para Inez a cortina está sempre aberta, pois Inez Viana é o teatro em sua pura essência: criar para emocionar.

## SERVIÇO

### ÚLTIMO ENSAIO

Teatro Firjan SESI Centro (Av. Graça Aranha, 1 – Centro)

Até 17/11, quinta e sexta (19h), sábado (16h e 18h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Divulgação



Um time de grandes atores-cantores da cena do teatro musical participa do espetáculo

# O melhor dos melhores musicais

Teatro Riachuelo comemora oito anos com show exclusivo com uma seleção de canções de musicais de sucesso

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

**P**ode-se brincar que os musicais são mais antigos do que rascunho da bíblia, pois é das artes aquele engloba todas as outras. Texto, música, dança, atuação, canto, artes plásticas estão incorporados desde as manifestações performáticas na Grécia Antiga e no Império Romano. Coros cantando foram as primeiras manifestações de combinar na mesma história, música e movimento.

A partir do Renascimento, a música passa a ser protagonista nas nascentes óperas. Assim, passeia-se pelas operetas, vaudevilles, gêneros que ficaram extremamente populares porque todas as expressões estão reunidas ao mesmo tempo e com isso provocam todas as emoções; lágrimas e risos coexistem lado a lado. O entretenimento. Ganha, de todas as artes, princípios da melhor estética fazendo o musical uma forte presença quando se fala em artes performáticas.

Aqui no Brasil não foi diferente. O musical foi importante no

processo que os jesuítas utilizaram para divulgar a religião católica. Na primeira metade do Século XX, o teatro de revista enchia as plateias, criando ídolos como Dercy Gonçalves, Grande Otelo, as vedetes da Praça Tiradentes. A partir do final do século passado, os musicais, de todas as possibilidades - versões da Broadway e do West-End, brasileiros, biográficos, em solo, com enormes elencos - passam a ter um papel importantíssimo na criação de público e no surgimento de novos talentos.

Nos últimos oito anos, o Teatro Riachuelo entrou no mapa do Rio como uma das principais casas de espetáculos da cidade, ao receber uma série de estreias e temporadas concorridas de teatro, show e teatro musical. Não é à toa que o espaço alcançou já público superior a 1,1 milhão de espectadores

em mais de 1,5 mil sessões. Para celebrar o aniversário com uma comemoração à altura deste feito, o teatro receberá duas únicas apresentações de um espetáculo idealizado especialmente para a ocasião e em formato inédito no Brasil.

Batizado de “Musicais in Concert”, o megashow vai reunir grandes estrelas dos palcos brasileiros em uma Noite de Gala idealizada por Aniela Jordan, com texto e direção de Claudio Botelho.

Acompanhada pela Orquestra Petrobras Sinfônica, sob a regência do maestro Felipe Prazeres, a lista de participantes será extensa e vai englobar artistas de diferentes estilos e repertório, como Alessandra Verney, Analu Pimenta, Beto Sargentelli, Claudia Netto, Ester Freitas, Gottsha, Giulia Nadruz, Gustavo Gasparani, Jules Vandystadt, Laila Garin, Lilian Valeska,

Lucinha Lins, Malu Rodrigues e Totia Meireles.

Como não poderia deixar de ser, o repertório da noite será baseado em grandes clássicos do teatro musical brasileiro e internacional. Alguns deles saídos de espetáculos que foram encenados ali no palco do Riachuelo, como o clássico “A Noviça Rebelde”, que alcançou mais de 100 mil espectadores entre abril e junho deste ano. Ou as canções que fizeram de “Elis, a Musical” um outro fenômeno de público no local.

O elenco infanto-juvenil de “A Noviça Rebelde”, inclusive, fará uma participação especial na noite, com as presenças confirmadas de Giovanna Rangel, João Pedro Chaseliov, Bruna Negendank, Samuel Ebendinger, Cath Gordilho, Júlia Salarini e Clara Portella.

A presença da Orquestra Petrobras Sinfônica, uma das maiores e mais prestigiadas do continente, garante a altíssima qualidade do espetáculo. Criada pelo maestro Armando Prazeres, a orquestra firmou-se como um ente cultural que expressa a pluralidade da música brasileira e transita fluentemente por distintos estilos e linguagens. Tem como diretor artístico e maestro titular Isaac Karabtchevsky, o mais respeitado regente brasileiro e um nome consagrado no panorama internacional.

Títulos que marcaram época na Broadway também estarão no roteiro, com números da trilha de “Cabaret”, “O Mágico de Oz”, “Sweet Charity”, “Funny Girl” e “Company”, entre muitos outros. A maioria das letras será cantada em português em versões - algumas inéditas - de Claudio Botelho, que também vai assumir a função de mestre de cerimônias da noite. Ao apresentar os solos, duetos e números em conjunto, Botelho contará algumas histórias de bastidores do universo teatral.

## SERVIÇO

MUSICAIS IN CONCERT  
Teatro Riachuelo (Rua do Passeio 38, Cinelândia)  
15/11, às 16h e 20h  
Ingressos entre R\$ 21 e R\$ 180

CRÍTICA / TEATRO / UMA BABÁ QUASE PERFEITA

# As duas faces da moeda

Divulgação

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**H**á atuações marcantes, personagens inesquecíveis que percorrem gerações. Quando a trama se baseia em quiproquós, que herdamos da Commedia Dell'arte, pois do latim quid pro que significa “uma coisa pela outra”, inicialmente o conceito referia-se a um diálogo no qual uma pessoa era confundida com outra, gerando, na maioria dos casos, uma situação cômica, o riso e a emoção são certos.

Ao trazer para o Brasil, “Uma Babá Quase Perfeita”, o bem sucedido e premiado musical da Broadway, Renata Borges, produtora de sucessos em série, acerta no milhar com a direção certeira de Tadeu Aguiar e com o protagonismo do



Uma babá quase perfeita

genial Eduardo Sterblitch. Mais uma vez, acontece um novo sentido na audiência, pois as pessoas vão para ver Eduardo Sterblitch como a senhora Doubtfire, o mesmo papel que consagrou, no cinema Robin Williams.

A história do pai que se transforma em babá dos filhos é um can-

to do amor e da dedicação paterna se apoia nas confusões de identidade de Daniel, nas atrapalhadas trocas de roupa, na voz e na personalidade da babá oposta ao pai. Assim, a trilha sonora bem executada, os números de dança executados com perfeição. Mas aqui dá-se uma grande novidade. Em espetáculos

dessa ordem, no qual tudo gira em torno do ator protagonista, a presença do substituto é fundamental. Assim acontece na Babá, pois Rainer Cadete consegue levar o papel de forma bastante eficiente.

Eduardo faz Daniel e Rainer faz Frank seu irmão, que é um artista da caracterização. A irmandade

vai além dos papéis que desempenham. Eduardo traz o magnetismo, o carisma, a rapidez, os cacós, um bailarino absurdo. Rainer traz o canto, a força, a coragem de substituir Eduardo, enfrentando duas horas e meia no papel principal com galhardia.

É maravilhoso se poder assistir a um espetáculo, quando a direção brilhante de Tadeu Aguiar entrega seja com Eduardo, seja com Rainer um espetáculo que vale cada minuto, que levanta as risadas e que une as famílias inteiras com um mérito raro.

## SERVIÇO

UMA BABÁ QUASE PERFEITA  
Teatro Multiplan (Shopping VillageMall - Av. das Américas, 3900 - Barra da Tijuca)  
Até 24/11, de quarta a sexta (20h), sábado (16h e 21h) e domingo (16h e 20h30)  
Ingressos entre R\$ 19,80 (meia popular) e R\$ 350 (plateia VIP)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Príncipe inclusivo

Uma das obras literárias mais célebres de todos os tempos, “O Pequeno Príncipe” ganhou uma versão inclusiva para o teatro, que busca reunir crianças surdas e ouvintes na plateia. A criação é da Cia. Fluctissonante, de Curitiba, que faz uma curta temporada no Sesc Tijuca, com sessões aos sábados e domingos, às 16h. Inspirada no livro homônimo do francês Antoine de Saint-Exupéry, a peça, dirigida por Nautílio Portela, acompanha história do príncipezinho e do aviador no deserto sendo encenada em Libras e português.

Elenize Dezgeniski/Divulgação

Any Duarte/Divulgação



### Eu sou o samba

Uma reflexão irreverente, emocionante e necessária sobre quem ajuda a tornar possível o ponto alto do Carnaval é a proposta de “Cada Ponto Um Carnaval”, em curtíssima temporada no Candido Mendes, até o dia 28, às quintas-feiras. Com duas premiações (Melhor Atriz do 14º FESTU e Melhor Cena no Festival Um de Cada Vez), Camila Gonzalez vive uma senhora de 67 anos que trabalha como costureira e aderecista de uma escola de samba. A peça traz os conflitos presentes na vivência dentro de um ateliê, a realidade de quem constrói esse espetáculo grandioso.

Junior Mandriola/Divulgação



### Elza Soares, a criança

“A Menina do Meio do Mundo – Elza Soares para Crianças”, sétimo espetáculo do premiado projeto ‘Grandes Músicos para Pequenos’, faz nova temporada, a partir de 16 de novembro, na EcoVilla Ri Happy, no Jardim Botânico, com sessões aos sábados e domingos, às 16h. O musical infantil reúne grandes sucessos imortalizados na voz de Elza Soares em uma história lúdica, emocionante e divertida sobre a força da mulher negra. Na trilha sonora, estão grandes clássicos da MPB como “Meu Guri”, “A Carne”, “Se Acaso você Chegasse”, “Mas que nada” e “Lata D’Água.”



Vem  
viver  
mais.

vem  
viver  
© sesc RJ

A maior marca de bem-estar social do Rio de Janeiro.

Sempre buscando promover o desenvolvimento social e a qualidade de vida, o Sesc RJ oferece atividades e serviços para você viver experiências inesquecíveis com mais diversão, cultura, esporte, cidadania, educação e saúde.

+experiências  
+cidadania  
+diversão  
+cultura  
+educação  
+saúde  
+sabor  
+inclusão  
+diversidade

VEM SABER +



[sescrj.org.br](http://sescrj.org.br)

[sescrj](https://www.instagram.com/sescrj)

[portalsescrj](https://www.youtube.com/sescrj)

[sescrj](https://www.facebook.com/sescrj)



A Flup, Festa Literária das periferias, encerra sua programação no Circo Voador com atrações musicais gratuitas de quinta a domingo

José de Holanda/Divulgação



Fabiana Cozza

**A**lém de suas conhecidas mesas de debate, saraus e performances, a Festa Literária das Periferias (Flup), que ocupa o Circo Voador por toda esta semana, reserva atrações musicais imperdíveis em shows gratuitos. No início da semana já teve Dona Onete, Lia de Itamaracá e o Ilê Ayê e, a partir desta quinta (14) até domingo (17), é possível conferir de perto outras atrações de peso.

A programação no feriadão começa nesta quinta, às 21h30, com três mulheres de rara potência: Alaíde Costa, Eliana Pittman e Zezé Motta apresentam o show “Pérolas Negras”, dedicado à reflexão sobre a contribuição de compositores e compositoras negros na música brasileira. O repertório tem canções de nomes como Cartola, Milton Nascimento, Jorge Ben, Martinho da Vila e Leci Brandão. Nomes como Salgadinho, Gilberto Gil, Djavan e Paulinho da Viola também são contemplados.

Às 22h30, é a vez de uma performance do grupo maranhense Tambor de Cioula Filhas de São Benedito. E, às 23h30, quem chega no palco é a roda de samba Pedeteresa, grupo nascido no bairro de Fátima e que tem um histórico de luta antirracista. E a partir da 0h30, Taís Machado comanda o Baile da Chefona, em celebração aos 10 anos da ofici-



Eliana Pittman, Alaíde Costa e Zezé Motta

# Vozes negras ENCANTAM (e libertam)

Divulgação



Moça Prosa

Paula Maestrali/Divulgação



Zé Manoel e Amaro Freitas

na de dança Afrofunk. Sem hora pra acabar.

Na sexta, às 22h, Dani Nega recebe como convidadas Bia Ferreira e Ellen Oléria. A partir das 0h, é a vez da roda de samba Azula, um grupo de participação 100% feminina e LGBTQIAPN+. Às 1h20, a apresentação fica por conta das Irmãs de Pau, dupla composta pelas multiartistas Isma e Vita que, a partir de influência e ritmos transpretos, constroem e destroem narrativas acerca do que representa ser travesti no Brasil.

No sábado, às 22h30, a cantora e com-

Divulgação



Dani Nega

Divulgação

Divulgação



Ellen Oléria

positora Fabiana Cozza, artista de referência na cena de samba carioca, reverencia ancestralidades afrobrasileiras e afrocubanas com seu timbre único. A roda de samba feminina Moça Prosa fecha a noite.

A programação musical da Flup se encerra no domingo com a reunião de dois dos mais celebrados pianistas brasileiros da atualidade. Às 21h, os pernambucanos Amaro Freitas e Zé Manoel se encontram para celebrar um dos repertórios mais especiais da história da MPB: as eternas canções do Clube da Esquina. A dançarina Bethânia Nascimento faz participação no espetáculo de clima intimista, sucesso de crítica e de público pelo país.

Às 22h, a Flup volta a promover mais uma edição do Baile do Passinho, uma marca registrada das festas anteriores. E, a partir das 23h30, vai ter o Baile do Ademar, uma tradição do Morro Santo Amaro que conquistou a cidade com muita música preta e dança. Sem hora pra acabar.

## SERVIÇO

### FLUP - FESTA LITERÁRIA DAS PERIFERIAS

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)  
Até domingo, a partir das 14h  
Entrada franca

# Um nome para se ficar de olho

Franco-caribenha Adi Oasis retorna ao Brasil para shows intimistas no Rio e em SP

Por **Affonso Nunes**

**A**pós se tornar uma das atrações mais elogiadas do Queremos! Festival no começo do ano e ser eleita pela Billboard Brasil como uma das divas pop para ficar de olho, a franco-caribenha Adi Oasis retorna ao país para shows intimistas em São Paulo e no Rio. Por aqui ela se apresenta nesta sexta-feira (15), às 20h, no Blue Note Rio.

Adi tem o contrabaixo como seu instrumento principal e suas músicas passeiam pelo melhor da black music, ou seja, aquele caldeirão contagiante de R&B, soul e funk. Suas letras levantam questões sociais, temas atuais como

Clément Dezelus/Divulgação



*Adi Oasis retorna ao Brasil após bem sucedida passagem em março*

feminismo e violência urbana.

Seu lançamento mais recente é a edição deluxe do aclamado álbum “Lotus Glow” (2023), com participações especiais da brasileira Luedji Luna em “Multiply” (que rendeu um dueto especial entre as duas em São Paulo no mês de abril), além de Danielle Ponder (“Dumpalltheguns”), Samm Henshaw (“Serena”), Jamila Woods (“Red to Violet”) e Durand Bernarr (na faixa-foco “Le Départ”).

“Lotus Glow” representa a evolução de Adi, refletindo mudanças pessoais e musicais, como a artista admite. “Esse álbum representa minha história, e agora sou a artista que sempre quis ser, fazendo a música que sempre quis fazer. Ainda tenho muito a aprender, mas me apropriei da minha jornada artística e quis compartilhar minha história”, conta.

Anteriormente conhecida como Adaline, a artista já se apresentou ao lado de nomes como Lenny Kravitz, Gregory Porter, Masego, Chet Faker, Keyshia Cole e Anderson Paak.

Coroando uma fase de enorme sucesso na carreira solo, ela é a sexta artista francesa mais ouvida no mundo e está no Top 20 do Spotify global entre artistas de indie soul.

“Lotus Glow” já conta mais de 70 milhões de streams e será a base para as apresentações de Adi no Brasil.

## SERVIÇO

### ADI OASIS

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)

15/11, às 20h

Ingressos entre R\$ 30 (meia) e R\$ 150

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Nando Chagas/Divulgação



### Três no pop

O Pop 3, novo projeto de George Israel, Henrique Portugal e Charles Gavin – três nomes de destaque do rock nacional – trazem o primeiro show desse encontro nesta sexta (15) no palco do Manouche. Estes ex-integrantes de bandas icônicas do pop rock brasileiro decidiram unir-se para celebrar a amizade que se originou nos tempos em que faziam parte do Kid Abelha, Skank e Titãs, respectivamente.

Divulgação



### Ancestralidade

O Teatro Rival Petrobras recebe nesta sexta (15), às 19h30, o espetáculo “Mães do samba”, com o coral O Canto das Lavadeiras, que celebra e une matriarcas do samba por meio do canto coral e danças populares. O grupo é formado por mulheres das alas das baianas da Vila Isabel, Salgueiro e Mangueira. A direção e os textos sobre a história das baianas no carnaval carioca são de Análimar Ventapane.

Tatá Barreto/Divulgação



### Pilotando

Angela Ro Ro volta ao palco do Manouche neste sábado (16), às 21h, com o show “Pilotando o Piano” em que faz um passeio pelas suas canções mais inspiradas desde o início da carreira, munida de um piano de cauda, seu instrumento e companhia de uma vida inteira, sua voz rouca marcante e das tiradas impagáveis que lhes são peculiares, a inteligência, ironia, despudor e aquela voz arrebatadora que lhe são peculiares.

Divulgação



### Legado do CCR

Após muitos anos excursionando ao lado do baixista Stu Cook e do baterista Doug “Cosmo” Clifford, membros do primeiro núcleo do Creedence Clearwater Revisited, Dan McGuinness e Kurt Griffey chegam ao Brasil com Revisiting Creedence. O grupo se apresenta neste sábado (16) no Qualistage. Essa formação surgiu em 2021 e o Revisiting Creedence nasceu para dar continuidade ao legado da banda.

**SHOW****RAFAEL BARATA JAZZ MACHINE**

\*O baterista brasileiro radicado nos EUA apresenta tributo aos 85 anos da Blue Note Records. Qui (15), às 21h. Manouche (Rua Jd. Botânico, 983). R\$ 120 e R\$ 60 (meia solidária)

**ZÉ BIGODE ORQUESTRA**

\*O grupo apresenta show dedicado a Bob Marley, com ênfase no repertório lado B do Rei do Reggae. Sáb (16), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). Entre R\$ 45 e R\$ 100

**DANIELLA COLLA**

\*Cantora celebra o legado de seu pai, Carlos Colla, um dos maiores compositores da MPB. Sáb (16), às 20h. Mandarin (Av. Rodrigo Otávio, 3.200). R\$ 40

**THIAGO TOMÉ**

\*O cantor, compositor, ator e escritor lança o álbum "Encantado". Sex (14), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). Entre R\$ 45 e R\$ 100

**ADRIANO SOUZA PLAYS JOBIM**

\*O pianista Adriano Souza celebra a genialidade e importância do maestro no show de lançamento de seu novo álbum. Dom (17), às 18h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

**TEATRO****NÃO ME ENTREGO NÃO!**

\*Othon Bastos repassa 70 anos de carreira. Teatro Vanucci (Rua Marques São Vicente, 52 - 3º piso). Até 1/12, às sex (20h), sáb (19h) e dom (18h). R\$ 120 e R\$ 60

**TOM JOBIM MUSICAL**

\*Musical dedicado à vida e obra de um dos mais importantes compositores brasileiros (e do mundo). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290). Até 15/12, qui e sex (20h), sáb e dom (15h e 19h). Entre R\$ 21 (meia balcão) e R\$ 320 (plateia VIP)

**FIDES - FÉ EM LATIM**

\*Espetáculo abre as feridas do assédio sexual e moral na sociedade contemporânea e, sobretudo, no seio da igreja católica. Teatro Municipal Domingos Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240 - Planetário da Gávea). Até 1/12, de qui a sáb (20h) e dom (19h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Rafael Barata

# Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Tom Jobim Musical

**JUDY - O ARCO-ÍRIS É AQUI**

\*Em atuação memorável, Luciana Braga vive a diva hollywoodiana, atriz e cantora Judy Garland (1922-1969), no premiado solo musical criado e dirigido por Flávio Marinho. Teatro Vanucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso) Até 29/11, qua e qui (19h30) e sex (17h). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

**NEBULOSA DE BACO**

\*O espetáculo traz à cena duas mulheres atrizes expondo a "confusão" de serem elas mesmas, mas também de serem outras, inventadas, atrizes vivendo outras realidades. Teatro I Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Até 24/11, qua a sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Divulgação



**Zé Bigode Orquestra**

Divulgação



**Nebulosa de Baco**

Rodrigo Menezes/Divulgação



**Fides - Fé em Latim**

**UM LUGAR ONDE A VIDA ACONTECE**

\*Neste monólogo a atriz e dramaturga Helena Varvaki reúne vivências suas e também de outras mulheres que estão chegando à casa dos 60 anos, revelando no palco suas angústias e expectativas. Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 22/12, de qui a sáb (20h) e domingos (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

**RIO UPHILL - O MUSICAL**

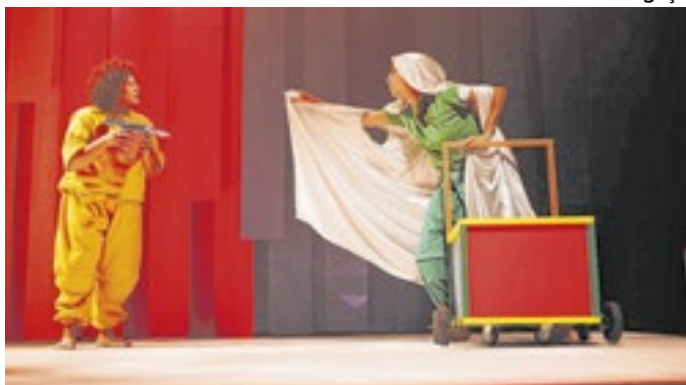
\*Um evento inesperado ocorrido na véspera de Ano Novo reúne Miguel, jovem nascido e criado na favela, e Daniel, um privilegiado jovem da Zona Sul. Até 17/11, qui e sex (20h), sáb (17h e 20h e dom (16h e 19h). Teatro Adolpho Bloch (R. do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 20 (meia) e R\$ 160

Divulgação



**Thiago Tomé**

Divulgação



**Quebra-Cabeça - Em Busca da Peça que Falta**

**CORES DO SAGRADO**

\*Influenciado pela figura feminina nas mitologias, o francês Bruno Castaing expõe sua produção mais recente. Galeria Dobra (Rua Orestes, 28 - Santo Cristo). Até 15/11, de seg a sex (10h às 18h) e sáb (13h às 20h). Grátis

**FULLGÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 NO BRASIL**

\*Coletiva com 300 obras de 200 artistas, além de documentos e objetos, que dão um panorama do que era o Brasil na década de 1980. Até 27/1, qua a seg (9h às 20h). CCB-BRJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

**DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO**

\*Edmilson Nunes apresenta trabalhos de sua produção mais recente. Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500). Até 31/1, de segunda a sexta (12h às 17h). Grátis

**SISSON, 200 ANOS**

\*Mostra reúne 170 obras do ilustrador francês Sébastien Auguste Sisson. Até 22/1, seg a sex (10h às 17h). Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, 219), Cinelândia. Grátis

**INFANTIL**

**QUEBRA-CABEÇA - EM BUSCA À PEÇA QUE FALTA**

\*Juntos, atores e público quebram a cabeça até encontrar a resposta a uma pergunta neste espetáculo interativo com improvisação e fantasia. Até 1/12, sáb e dom (16h). Teatro dos 4 (Rua Marquês de São Vicente, 52 - 2º piso). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

**AZUL**

\*De forma leve e lírica, o texto propõe uma visão sobre as relações dentro de uma família, que tem um integrante que vivencia o mundo de forma singular. Até 1/12, sáb e dom (16h). Teatro III - CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

**O GUARDIÃO DOS LIVROS**

\*Em uma monótona tarde na biblioteca, um jovem se depara com tarefas enigmáticas e, para resolvê-las, acaba por conhecer as histórias de cada livro. CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66 - 1º andar). Sáb, dom e fer (14h). Grátis

**HUMOR**

**SE É QUE VOCÊ ME ENTENDE**

\*Raphael Ghanem roda o país com seu stand up de histórias de vida, análises de relacionamento e causos cotidianos. Dom (17), às 20h. Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000). Ingressos esgotados

**EXPOSIÇÃO**

**MARTA ARRUDA: 40 ANOS DE ESCULTURAS**

\*A artista plástica alagoana Marta Arruda transforma a dureza do material bruto em obras singulares de metal através de suas esculturas abstratas e painéis. Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38, Centro). Até 1/12, de ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Grátis

FESTIVAL  
VARILUX  
DE CINEMA  
FRANÇÊS  
2024

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Vai ter Varilux até o próximo dia 20 e uma das atrações de maior destaque da reta final dessa maratona cinéfila regada de títulos vindos de Paris, Marselha, Nice, Lyon e arredores é uma produção com DNA brasileiro... e dos mais austeros: “Madame Durocher”. A canadense Marie-Josée Croze (laureada com o Prêmio de Melhor Interpretação em Cannes, em 2003, por “As Invasões Bárbaras”) é um dos destaques dessa delicada reconstituição histórica dos feitos de Marie Josephine Mathilde Durocher (1809-1893), pioneira no estudo da Medicina no país, ícone das lutas feministas.

O papel principal é dividido entre Jeanne Boudier (“Deslembro”) e Sandra Corveloni (premiada em Cannes por “Linha de Passe”), em fases diferentes. Quem dirige esse projeto produzido por Rita Buzzar (de “Olga”) é a dupla Andradina Azevedo e Dida Andrade, que tacou fogo nas caretes do cinema nacional com “A Bruta Flor do Querer” (ganhador do Kikito de Melhor Direção em Gramado, em 2013).

“Durocher tem tudo que é um herói precisa: resiliência, rebeldia e paixão”, explica Dida, que trava um diálogo com as narrativas clássicas (sem perder sua ousadia) nesse novo longa, feito depois de sua imersão (ao lado de Andradina) nos históricos de corrupção sul-americanos em “Eike, Tudo ou Nada” (2022).

A próxima projeção de “Madame Durocher” será no dia 20, às 20h25, no Cinesystem Botafogo. Sua trama começa em 1816,



*Sandra Corveloni encarna a parteira Marie Josephine Mathilde Durocher numa das fases do longa*

# O parto da inclusão

Dirigida por Dida Andrade e Andradina Azevedo com elenco estrangeiro, ‘Madame Durocher’ vira um dos sucessos do Varilux 2024 ao recriar a luta de uma parteira pioneira

quando Marie Josephine chegou ao Brasil, ainda jovem, com sua mãe, a modista francesa Anne. A loja de sua família acaba não indo bem e, após a morte de Anne, Durocher decide aprender a função de parteira. Foi a primeira e única mulher do curso de partos da recém-criada Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Acaba por se tornar a parteira mais conhecida no Rio, atendendo indigentes, prostitutas e até Família Real.

“O set foi um processo fluido que não intelectualizava a cons-

trução das cenas, buscando naturalidade no olhar sobre o mundo, a partir da questão da maternidade”, diz Jeanne, em papo com o Correio da Manhã em Ipanema, ao lado de Marie-Josée.

Pautas políticas ligadas à exclusão potencializam o recorte biográfico de Durocher feito por Dida e Andradina, que ressalta a relevância do estudo na luta contra a barbárie. Naturalizada brasileira, a protagonista do longa matriculou-se no Curso de Partos na Faculdade de Medicina do Rio de

Janeiro em 1833. Completou sua formação com aulas particulares de importantes médicos da corte.

“A trajetória de Durocher inspira as lutas atuais por políticas inclusivas e a importância de reconhecer as contribuições históricas de mulheres que desafiaram o seu tempo. Tanto a Rita Buzzar quanto o João Segall, que montou o filme, dirigiram conosco. Vejo este projeto como um processo de criação coletiva. Sem dúvidas a alma do filme é da Rita Buzzar, nossa Madame Duro-

cher”, diz Dida.

Ele e seu parceiro impressionaram o público do Varilux com uma investigação sobre uma fase da História em que o Brasil se abre para a Modernidade. “Muito complementares e sem ego, os dois diretores me deram um ritmo orgânico para um enredo que expõe as humilhações que as mulheres encontraram numa batalha pela aceitação, na busca por espaço”, diz Marie-Josée.

Uma das atrações imperdíveis desta reta final do Varilux é “Mega Cena” (“Hereux Gagnants”), de Maxime Govare e Romain Choay. Todo ano a maratona europeia de Emmanuelle e Christian aposta numa comédia popular. Esta é a bola cômica da vez. Trata-se de um painel de costumes centrado nas alegrias e nos dissabores de ganhadores de jogos de azar cuja felicidade nem sempre pode ser comprada a euro. Audrey Lamy e Fabrice Eboué estrelam a melhor das quatro histórias que compõem o roteiro. Tem sessão dele nesta quinta, às 16h55, no Kinoplex Fashion Mall, e às 17h45, no Cinesystem Botafogo.

ENTREVISTA / PAULO FONTENELLE, CINEASTA, ROTEIRISTA, DRAMATURGO E DIRETOR TEATRAL

# 'Teatro é corpo inteiro e cinema é um recorte de tudo'

Paulo de Andrade/Divulgação

Por Cláudia Chaves

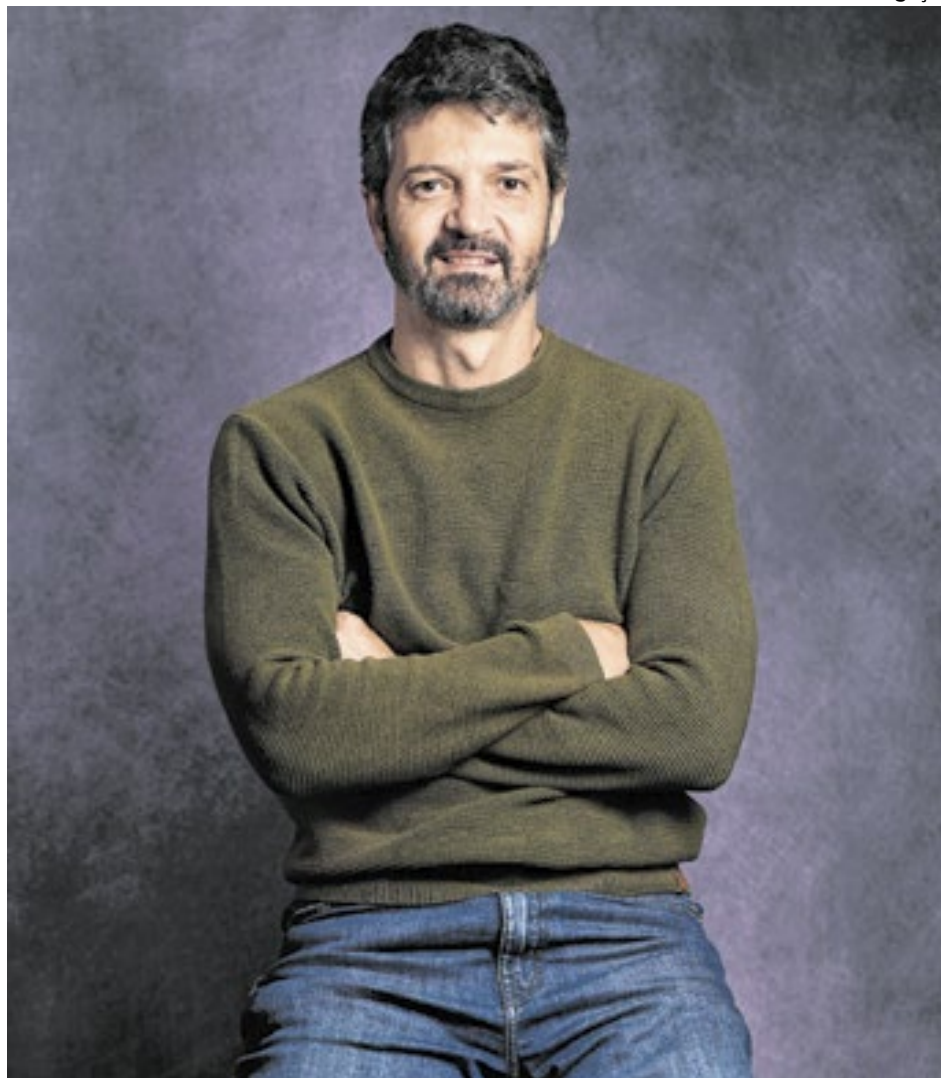
Especial para o Correio da Manhã

**P**aulo Fontenele parece que nasceu com uma câmera na mão e um roteiro de sua autoria. Ao mesmo tempo, passeia por diversos gêneros, teatro, um autor que não se impõe qualquer limitação. Paulo tem uma obra eclética, pois sua capacidade de criação se expande e passeia por cinema, teatro e televisão, com um cuidado de detalhes, no olhar do que capta e na acertada direção de atores e atrizes a que os artistas correspondem com ótimas atuações.

Paulo foi também diretor do filme "O Porteiro", adaptação da peça teatral com o ator Alexandre Lino; do documentário "Blitz - O Filme" (a história da banda Blitz), em dos longas-metragens "Inverno" (com Renato Góes, Thaila Ayala e Barbara Reis); "Intruso" (com Eriberto Leão e Danton Mello); "Apaixonados" (com Nanda Costa e Roberta Rodrigues); "Divã a 2" (com Vanessa Giacomio, Rafael Infante, Marcelo Serrado); "Se Puder, Dirija!" (com Luiz Fernando Guimarães e Leandro Hassum); e dos documentários "Sobreviventes - Os Filhos da Guerra de Canudos" e "Evandro Teixeira - Instantâneos da Realidade". Na TV, Paulo está lançando a série de comédia "Cinema Café", com Paloma Duarte e Bruno Ferrari, e também acumula títulos no Canais Viva, Fox e TV Cultura.

Investindo no terror-suspense, gênero em recente expansão no cinema brasileiro, Fontenelle é também roteirista de "Sala Escura", que traz no elenco Allan Souza Lima, Paulo Lessa, Osvaldo Mil, João Vitor Silva, Luiza Valdetaro, Priscila Buiar, Tainá Medina, Raisa Chaddad, Danilo Moura e Sofia Malta.

A trama se passa numa sala de cinema, quando um grupo de espectadores é surpreendido por uma brusca interrupção do filme, substituído pelas imagens de uma garota sendo torturada por um homem vestido de bate-bolas. Confusos e assustados, tentam



deixar o local quando se descobrem trancados na sala.

Paulo Fontenelle (meu aluno querido) fala com exclusividade ao Correio sobre "Sala Escura" e como trabalha em seu processo de adaptação teatro/cinema.

**Como foi o processo de filmagem em um único cenário, algo que é característico do teatro?**

**Paulo Fontenelle** - Filmar somente dentro de uma sala de cinema foi um grande desafio para manter a dinâmica do filme. Tivemos que ser criativos para ter planos diferenciados e usar a sala de cinema ao nosso

favor. O cinema Odeon é enorme, tem dois andares, corredores e banheiros, o que trouxe uma variação boa de cenários. E a ideia é que o filme seja uma experiência diferente quando for visto em uma sala de cinema. São espectadores dentro de um cinema vendo personagens sendo torturados dentro de um cinema. Uma verdadeira imersão no terror.

peça narra somente uma situação que é uma reunião de condomínio conduzida por um porteiro. Para o filme foi necessário estender essa trama. O que eu fiz em termos de roteiro foi criar uma aventura para o nosso porteiro Waldisney. Peguei os personagens da peça e os coloquei dentro dessa aventura e tudo tomou proporções muito maiores. Aproveitei a liberdade de poder passear por vários cenários e criei situações super divertidas do cotidiano de um edifício, tudo seguindo a estrutura já existente na peça. O desafio foi grande, pois é um monólogo conduzido pelo Lino de forma genial, mas sozinho no palco. No final, ficamos muito felizes com a adaptação, pois ela só acrescentou a peça que segue em cartaz até hoje.

**Como o seu trabalho se diferencia, se é que diferencia, quando dirige e escreve para o teatro e dirige e escreve para o cinema?**

Acredito que a grande diferença do trabalho do diretor em relação a teatro e cinema é entender principalmente que teatro é corpo inteiro e cinema é um recorte de tudo. Eu poderia responder a essa pergunta falando do básico, da câmera, da quarta parede, mas isso é o óbvio. Pra mim, entendendo a linguagem de cada um dos meios eu trabalho melhor o ator. Por exemplo, temos um porteiro diferente no teatro e no cinema apesar de ser o mesmo personagem, o tom é diferente. Se o 'Sala Escura' fosse uma peça, o trabalho com os atores seria completamente diferente. É um filme de terror que exige um limite de interpretação para não cair no trash, é preciso defender o elenco para que tudo fique crível. E no caso do "Sala Escura" ainda tem a questão de todos os efeitos especiais. E o legal do filme é que a H2O (distribuidora do filme) me deu liberdade total criativa. E os produtores Rafael d'Oran, Fabrício Araújo e Paulo Amoreira me deram as ferramentas para que fizesse o filme do jeito que eu queria.

**Ainda tem algum filme que você sonhe fazer?**

Acabei de realizar dois sonhos cinematográficos, o "Sala Escura", que é um projeto de terror que sempre me foi muito pessoal e acabei de filmar - e estou montando - o "Mariana", uma história autobiográfica sobre a minha infância. A história do meu primeiro amor. Acho que hoje o meu projeto dos sonhos é seguir filmando, especialmente filmes de gênero. Eu gosto de todos os tipos de filme. Meu próximo projeto é uma comédia, mas quero fazer mais terror, mais drama e também filmes de ação.

**E como foi filmar "O Porteiro", que é o movimento contrário, de um palco para um edifício com diferentes apartamentos?**

Esse filme surgiu de uma peça homônima que escrevi e dirigi que já está a mais de sete anos em cartaz com o ator Alexandre Lino. A

André Patroni/Divulgação

# Lições afroubana de INCLUSÃO

Agitando as redes sociais, 'Enigmas no Rolê' põe o audiovisual do Mato Grosso do Sul em destaque no planisfério cinéfilo apoiada da força da juventude de Campo Grande

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

Quem mandou a letra sobre a temática abordada (numa ótica decolonial) pelo filme "Enigmas no Rolê" – a educação - foi o baiano Milton Santos (1926-2001). Autoridade intelectual da Geografia em todo mundo, esse ícone da luta contra o racismo lacrou: "Eu acredito que a gente deveria abandonar o 'facultês', o 'universitês' e, se possível, tentar representar a realidade como um enredo". Quem soube traduzir (e bem) essa provocação de Milton foi o cineasta Ulísver Silva, que hoje põe a produção audiovisual do

Mato Grosso do Sul ao alcance do circuito com seu longa-metragem sobre formas de aprender.

Mobilizando olhares via redes sociais, sua aventura de toada infantojuvenil traduz à perfeição as reflexões inclusivas abordadas pelo papa nacional da Geografia ao transformar aprendizado em aventura.

Em sua trama, o jovem professor Andread (Guilherme Godoy) desafia seus sobrinhos adolescentes, Eduarda (Maria Rita) e Edinho (Raul Enzo), a resolver cinco enigmas lógicos. A recompensa deles: ingressos para o show de rap mais aguardado dos últimos anos.

"Na trama, temos um jovem que tem consciência das divisões sociais existentes no Brasil e sabe que o fato de sua família ser de



Produção do Mato Grosso do Sul, 'Enigmas do Rolê', de Ulísver Silva (no alto), demarca a força da educação para promover processos inclusivos

origem muito humilde coloca diversos obstáculos à frente deles e de seus sobrinhos. A história abre para o espectador um questionamento: até que ponto a gente tem que ir para criar condições para os jovens terem mais acesso a conhecimento e se prepararem melhor para encarar essa sociedade em que a gente vive?", questiona Ulísver, em entrevista ao Correio da Manhã.

Seu roteiro traz elementos da cultura afroubana como parte central da sua estética, tanto na trilha sonora quanto no visual, abrangendo o uso de animações e elementos gráficos.

"Na trilha, o longa ora pende para o hip-hop, ora para o funk, com música tradicional africana em alguns momentos. Há o fato de termos um elenco majoritaria-

mente negro, com diversos tons de pele. De certa maneira, a narrativa é clássica. Nós temos ali ato 1, ato 2 e ato 3, ou seja, temos todas as lições de roteiro que todo estudante de cinema aprende, mas, em termos artísticos, em termos de atmosfera, a cultura negra está presente de forma bastante maciça em cena", diz Ulísver.

Ligeiro, em seus 100 minutos de duração, "Enigmas no Rolê" foi exibido pela primeira vez ao público no último dia 5, no Teatro Allan Kardec, em Campo Grande (MS), onde foi rodado, em 2023. Com lançamento organizado pela distribuidora Fistaile, o longa está em exibição ainda no canal do YouTube <https://www.youtube.com/@EnigmasnoRole>.

"Esse é o primeiro longa-metragem de ficção desenvolvido e dirigido por uma pessoa preta no estado de Mato Grosso do Sul. É o primeiro filme de ficção infantojuvenil produzido lá. É o primeiro também com elenco fartamente negro. É o primeiro também cuja equipe é composta por jovens recém-formados no curso de audiovisual do Estado, que é o primeiro curso universitário do tipo na região. Assim, 'Enigmas no Rolê' rompe diversas barreiras, inaugura várias coisas", diz Ulísver. "A gente não vai encontrar no filme elementos que estão presentes em obras como a novela 'Pantanal', que aborda um outro nicho populacional, mais ligado à cultura do campo. Embora o longa se passe em Campo Grande, ele é focado em outra galera, que recebe forte influência da cultura negra, internacional e nacional".

O projeto nasceu de uma experiência pedagógica do realizador:

"Há uns anos, eu fiz um curso numa escola, a Supera, que tem um método bem curioso, um método que usa desafios lógicos e jogos como uma ferramenta para estimular o raciocínio dos alunos. Eu achei muito bom esse método e ele me inspirou a criar o roteiro", diz Ulísver.

"Temos um professor que adota uma forma de ensinar e o espectador é convidado a refletir se aquele jeito que o professor adota faz sentido ou não".

Divulgação

## CRÍTICA / FILME / GLADIADOR II

Divulgação

Encarnado por Denzel Washington, Macrinus, um promotor de lutas entre gladiadores, arquiteta uma conspiração para tomar Roma

# Ave, Ridley!

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**nriquecido às custas do apetite sádico dos imperadores gêmeos Caracalla e Tégula (Fred Hechinger e Rory McCann) por imolações no Coliseu, Macrinus, a figura mais maquiavélica do colossal “Gladiador II”, que pode (e deve) dar um terceiro Oscar a Denzel Washington, é um capitalista cuja mais-valia é o sangue alheio.

Cada gota derramada em seu negócio faz dele uma espécie de Donald Trump, um empresário que se aproxima da aristocracia, e ambiciona para si um papel de estadista, alimentando seus apoiadores com a cultura do ódio, na certeza de que a violência entorpece.

A vaidade alheia é o combustível de sua jogatina política. Faz os monarcas parecerem mais geniais do que são e tenta cooptar até o

herói, Lucius (Paul Mescal, numa atuação de garbo), com a promessa de uma vingança. Seu interesse, num primeiro momento, parece ser um redesenho do império onde se fez um alfarrabista de guerreiros, mas logo, a corrupção que reside em seus interesses transborda em cena. A pista sobre seu caráter quem dá é o próprio Lucius, muito antes de compreender as intenções de seu “empregador”, quando diz: “Roma infecta o que toca”.

Macrinus é um câncer. Entra em metástase pouco a pouco, fazendo do novo filme de Ridley Scott um estudo inquietante sobre estratégias de dominação numa era de crepúsculo anunciado para uma civilização que teve o planeta a seus pés – e o perdeu. O roteiro de David Scarpa é uma análise desse processo de perda, calcado na cruzada heroica de Lucius, herdeiro de Maximus, personagem consagrado por Russell Crowe no “Gladiador” anterior, sucesso de bilheteria no al-

vorecer dos anos 2000. Sucesso que já antevia o ocaso da glória romana.

Ambientada cerca de 16 anos depois do original, a nova superprodução de sir Ridley, com orçamento estimado em cerca de US\$ 250 mil, avança muitas casas no tabuleiro das moléstias governamentais de uma nação todo-poderosa que se encontra na fase final de seu espírito colonizador, já com antipatia declarada aos cristãos. Seu ícone de guerra, o general Acacius (Pedro Pascal, impecável), é uma pedra nas sandálias de Macrinus e há de rolar como as cabeças de quem fornece entretenimento a Caracalla e Tégula, dois soberanos encarnados com brio por Hechinger e McCann, numa composição nas raias da po-dridão.

Nesse avanço geopolítico, numa direção madura (e ágil), Ridley se mantém fiel à cartilha épica do filão sword-and-sandal, também chamado de peplum, que aborda as vicissitudes morais greco-romanas,

com foco em seus combatentes, heróis de guerra e deuses. Flerta com clássicos (sobretudo italianos, como “Rômulo e Remo” e “Maciste no Inferno”), mas se embrenha mais pela tradição de tratados geopolíticos hollywoodianos, como “Quo Vadis” (1951), celebrado pelo Nero flamboyant de Peter Ustinov (1921-2004). Tem adrenalina aos litros, bombeadas em sequências de batalha que desafiam as leis da gravidade, e carrega em si uma análise ácida da prática de manutenção do Poder de dar inveja a “Game of Thrones”.

O equilíbrio que Ridley alcança entre o espetáculo e a sociologia carrega uma maestria que, há muito, ele não demonstrava, mostrando que não apostou numa continuação caça-níqueis (o que se viu no vergonhoso “Coringa: Delírio a Dois”). Seu “Gladiador” original faturou US\$ 465 milhões e ganhou cinco Oscars, entre eles o de Melhor Filme. É possível que a parte

dois repita os feitos do primeiro, apoiado na fotografia dionisíaca de John Mathieson.

Reza a lenda que o ponto mais fraco de sir Ridley é sua vaidade, expressa pela grandiloquência das suas produções e também por um desejo de alcançar um lugar que realizadores com status de filósofo do cinema (Stanley Kubrick, Terrence Malick) conquistaram. Estes o fizeram pela transcendência das suas reflexões cinematográficas. Não é por acaso que dizem que “Prometheus” foi a tentativa de Scott fazer uma “Árvore da Vida” ou um “2001: Uma Odisseia no Espaço”. Ele já flertou com causas mundanas ao conversar com os códigos das telenovelas em “Casa Gucci” (2021), apoiado em Lady Gaga. Também já trabalhou com o ideal a superação em “Perdido em Marte” (2015), que faturou US\$ 630 milhões. Na prática, no entanto, a maior fragilidade do realizador britânico está em seu joelho. Em 2010, quando seu “Robin Hood” foi programado para abrir o Festival de Cannes, ele não conseguiu comparecer à abertura devido a uma operação de última hora em sua rótula. A fragilidade da sua integridade óssea já foi manchete várias vezes, mais até do que sua mão “podre” para a escolha de projetos: “Hannibal” (2001) ou “Rede de Mentiras” (2008) comprometeram – e muito – a sua imagem como campeão de bilheteria e como um realizador refinado. Só não fizeram mais estrago porque – bem assessorado – Scott fez da sua perna machucada um assunto que rendia mais pano para mangas nos jornais do que os seus deslizes estéticos. Só nos anos 1990, quando “Até o Limite da Honra” (1997) saiu, não houve assessor ou publicista que pudesse salvá-lo, perante a toda a ironia que rodeou a versão Rambo de Demi Moore, apesar das boas receitas que arrecadou com essa passagem pelo universo dos quartéis. Apesar disso, ataques sazonais da mídia (e da crítica) não delapidaram o patrimônio milionário que Scott construiu, nem o prestígio que há de crescer com seu longa mais poético dos últimos 20 anos.

ENTREVISTA / JACQUES MARTIAL, ATOR

# 'Supremacistas brancos estão fazendo suas vozes serem ouvidas'

Por **Rodrigo Fonseca**

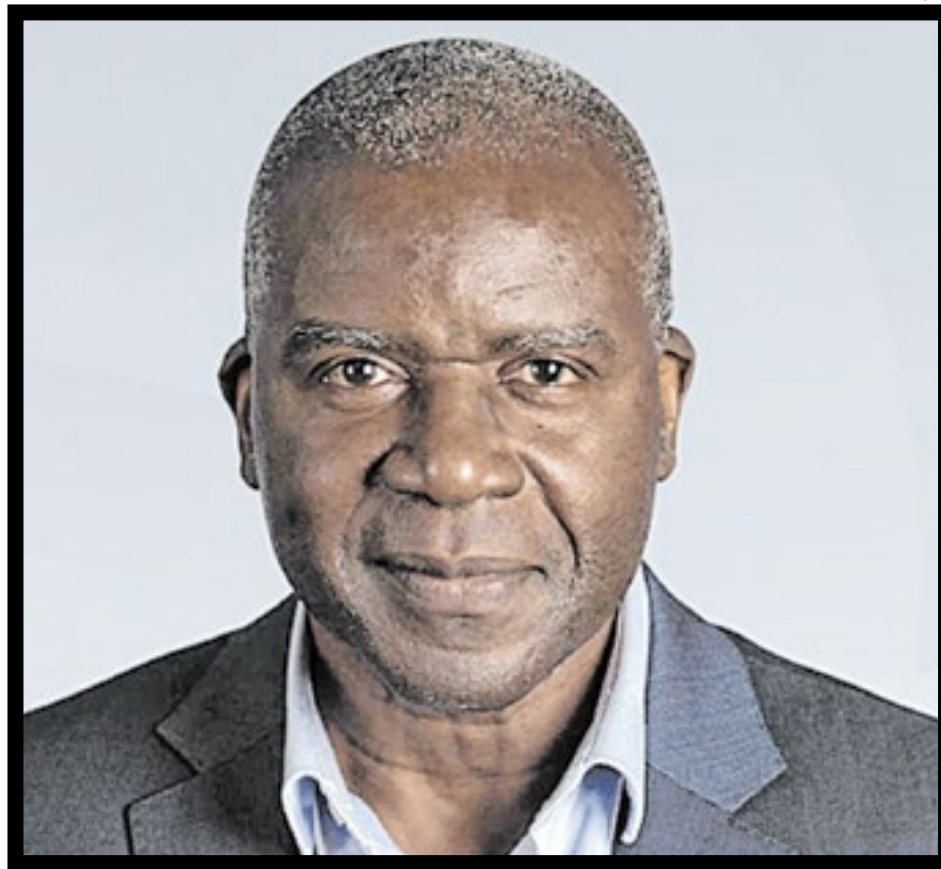
Especial para o Correio da Manhã

**F**iel à tese de que um evento de colonizador deve se reger pelas águas, na diplomacia de Oxum, a Festa Literária das Periferias (Flup), em sua 14ª edição, avançou Atlântico adentro e trouxe da França um militante que faz das artes cênicas sua ferramenta de luta contra o racismo: o ator Jacques Martial. Na Europa, ele fez fama nos palcos e no audiovisual, atuando em séries de sucesso popular como "Navarro".

Neste sábado, às 17h, ele vai passar pela Lapa, para uma ação performática da Flup no Circo Voador, na qual dá voz ao mítico poema "Diário Do Retorno Ao País Natal", escrito pelo martinicano Aimé Césaire (1913-2008). Seus versos são considerados um monumento lírico da cultura da diáspora das Áfricas e ganham carga sinestética eletrizante no filtro da voz e da movimentação de Martial, que se identifica com a crise migratória cantado por Césaire. Na entrevista a seguir, ele explica ao Correio da Manhã os signos geopolíticos de sua interpretação.

**Qual é o poder simbólico de Aimé Césaire para a literatura e para as narrativas diaspóricas, e qual é a sua relação com o texto dele que você apresentará no palco no Brasil?**

**Jacques Martial:** Uma obra que é ao mesmo tempo política, histórica e sociológica, "Cahier D'Un Retour Au Pays Natal" é um dos maiores poemas do século XX e, mais amplamente, um dos maiores da história da literatura poética. Ele surgiu no final da Segunda Guerra Mundial, quando a Europa e o Ocidente dominavam o mundo, tendo colonizado quase todo o planeta. Até então, eles justificavam sua sanha predatória com base na desigualdade racial e na suposta superioridade da cultura e do povo ocidental branco sobre todas as culturas, sobre os povos não brancos. Na escala de valores que inventaram, os africanos e afrodescendentes, escravizados



Divulgação

pela Europa por quase quatro séculos, ocupavam o degrau mais baixo. Ao se apoderar das ferramentas estéticas e intelectuais das culturas ocidentais e levá-las ao auge da excelência artística, Aimé Césaire mostrou como esse conceito de desigualdade racial poderia ser desconstruído. O poder de seu discurso, em sua denúncia do racismo e da injustiça que alimentaram a lógica colonial, abalou os próprios alicerces do colonialismo. Criou ferramentas intelectuais eficazes que permitiram que os afrodescendentes repensassem seu lugar no mundo. Hoje, o movimento Black Lives Matter é um lembrete cruel de que a luta pela igualdade e pelo respeito aos povos pretos e a todos os oprimidos ainda é muito relevante. Com a vigência desse movimento, acredito que reabrir o diário de Aimé Césaire ajudará a mobilizar cada um de nós para renovar e ampliar a luta contra as formas de racismo e discriminação, com o objetivo de

vivermos todos juntos.

**Qual é o espaço que a cultura francesa dá às representações das culturas das populações pretas radicadas ou nascidas na Europa?**

Na França, com relação aos afrodescendentes e suas culturas, é importante distinguir entre aqueles de países africanos anteriormente colonizados e aqueles oriundos de Guadalupe, Martinica, Guiana Francesa, Ilha da Reunião e Ilhas do Pacífico, os territórios ultramarinos franceses. Com relação à África, um diálogo renovado com os países de língua francesa, em particular, está em andamento há algum tempo. Ele tem o objetivo de normalizar e fortalecer os laços diplomáticos e econômicos e as relações entre a França e suas antigas colônias. Nesse sentido, o mundo artístico tem desempenhado um papel de mediador no reconhecimento das culturas e dos artistas desses países,

com o objetivo de transformar a percepção francesa sobre eles, após mais de um século de propaganda colonialista.

**Qual é o papel específico do teatro nessa luta decolonial?**

No que diz respeito ao mundo do teatro, na França, ser negro, há muito tempo, significa ser de origem africana. Com a normalização das relações entre os países da África e a França, a partir da década de 1970, os artistas de origem africana conseguiram encontrar papéis em produções teatrais com relativa rapidez. Simbolicamente, o trabalho do famoso diretor britânico Peter Brook, baseado no Teatro Bouffes du Nord, em Paris, desempenhou um papel importante na promoção desses artistas. Com relação aos atores dos departamentos franceses ultramarinos, as coisas foram muito mais complicadas. Devido à sua rejeição ou, pelo menos, à sua desconfiança em relação ao conceito de "comunidades", ao qual se opõe uma tradição universalista centralizadora (ou seja, parisiense), a França há muito tempo nega às regiões ultramarinas - às suas culturas e às pessoas que vieram delas - qualquer interesse que não seja regional. Para os atores afrodescendentes dessas regiões, que são "típicos" demais para se enquadrarem nas normas estéticas ocidentais "normais", ou que não são "africanos" o suficiente para encarnar a verdadeira ou "boa" alteridade, há muito tempo é difícil encontrar um lugar ou fazer seu nome no mundo do teatro clássico. Nos últimos anos, entretanto, a escrita contemporânea e as novas gerações de diretores começaram a mudar essa situação. Hoje, cada vez mais artistas, diretores e autores estão se expressando e fazendo com que suas vozes e talentos singulares sejam ouvidos nos palcos franceses. Mas ainda temos que provar que esse movimento é irreversível.

**Como está esse conflito hoje?**

No atual contexto político na França e na Europa, a extrema direita está cada vez mais presente e, como nos Estados Unidos, os supremacistas brancos estão fazendo suas vozes serem ouvidas, tentando impor suas visões não egalitárias ou hegemônicas do mundo. Por isso, há todos os motivos para temer que o conceito de "vivre ensemble", de viver juntos, seja minado como um modelo a ser buscado. Portanto, é urgente lembrar as linhas de Aimé Césaire em seu "Cahier d'Un Retour Au Pays Natal": "O mapa da primavera está sempre sendo refeito [...] Agora é a hora de cingir minhas carnes como um homem valente".

# Uma vitória de sabor nordestino

Com um menu fiel às suas raízes, o potiguar José Roberto sagrou-se campeão do MasterChef Brasil 2024

O potiguar José Roberto é o campeão da 11ª temporada do MasterChef, reality de culinária da Band. Ele venceu a catarinense Giorgia Paladini. Na prova final, os dois apresentaram aos jurados Erick Jacquin, Helena Rizzo e Henrique Fogaça menus autorais completos, com entrada, prato principal e sobremesa. Na última etapa, houve ainda a visita de Diego Lozano, jurado do MasterChef Confeitaria.

“Eu vim para cá com um sonho, uma mala e um discurso para fazer: o da valorização dos produtos brasileiros”, disse o campeão ao site da Band. “Minha maior vitória foi acreditar em mim. Já tinha o apelido de MasterChef da família, mas eu queria mais. E agora acredito mesmo que posso mais”.

No vídeo gravado por Aydan Sousa, amigo pessoal de José Roberto, o campeão do MasterChef diz que ter entrado no programa e conquistado o troféu foi a realização de um sonho. “Eu comecei há 10 anos a acompanhar o programa, querendo entrar. Ter feito esse desafio é a maior lição de vida que eu vou



Divulgação Band

**José Roberto na final do reality culinário em que criou um menu nordestino: o potiguar planeja montar um restaurante com sua família em São Luís**

levar, para sempre, porque, para mim, não é só um programa. Para mim, é o atestado de que eu podia sonhar. Sonhar move o mundo”, comentou.

O trio de jurados também exaltou a vitória do potiguar. “O Zé honrou as raízes e a culinária brasileira, trouxe muita emoção na comida. Com certeza, vai ter um caminho enorme para trilhar e representar nossa gastronomia”, destacou o chef Henrique Fogaça.

File às suas raízes, José Roberto usou ingredientes como caju, jambu, tucupí e babaçu no menu autoral, em uma valorização da culinária nordestina. O cozinheiro preparou um pirão de castanhas para a entrada, peixe na folha de bananeira com

“O Zé honrou as raízes e a culinária brasileira, trouxe muita emoção na comida. Com certeza, vai ter um caminho enorme para trilhar e representar nossa gastronomia”

Henrique Fogaça, chef

molho de tucupí como prato principal e, para a sobremesa, serviu um bolo com creme de confeiteiro congelado com babaçu.

Após a vitória, José Roberto planeja abrir um bistrô em São Luís (MA), onde mora com a família.

Apesar de não ter levado o troféu para casa, Giorgia garante que o balanço da sua participação no programa é positivo. “Consegui superar todos os obstáculos, evoluir e amadurecer, então é uma série de coisas que a gente ganha ao longo do caminho fora o prêmio”, avaliou. Ela também rendeu elogios ao vencedor do reality culinário. “Sou muito feliz e orgulhosa do José Roberto, porque ele mostrou

muita coisa incrível. Ele é um cara muito f\*da que eu admiro”, reconheceu a vice-campeã.

Além de se descobrir na cozinha, Giorgia diz que um dos maiores aprendizados que teve foi acreditar em si mesma. “Conforme ia chegando perto do top 10, depois o top 5, eu fui entendendo que, na verdade, eu era bem capaz [de chegar à final]”, descreveu. “É uma competição com outras pessoas, mas, principalmente, com a gente mesmo”, disse a catarinense.

De entrada, ela preparou um cruído de peixe com aguachile de acerola e maxixe. A ideia foi apresentar um prato que fosse a cara do Brasil, trazendo inclusive a cor vermelha do pau-brasil, planta tão emblemática do nosso país. No prato principal, a catarinense serviu uma massa recheada de camarão, chuchu e beurre blanc de vinho do Porto branco. E, para finalizar, a sobremesa foi um sorvete de tapioca com lírio-do-brejo, manga, curry e crocante de castanha com rapadura.

“Para mim, foi muito emocionante poder entregar um menu que tinha exatamente o que eu queria mostrar. É uma oportunidade única”, celebrou a finalista. “Ouvir as avaliações positivas sobre cada detalhe foi o mais incrível de tudo. Foi importante para eu acreditar em mim como cozinheira, que agora é o que eu quero fazer da vida.”

Os demais participantes da 11ª temporada retornaram à cozinha do programa para assistir a tudo diretamente do mezanino. Além disso, as famílias dos finalistas também marcaram presença e emocionaram os cozinheiros.

A Band acertou com a produtora Endemol Shine Brasil, dona do formato, a produção de novas temporadas do MasterChef para 2025.

A nova temporada do reality com cozinheiros amadores não vai contar com a presença de Ana Paula Padrão. A apresentadora optou por não renovar o contrato com a emissora e sairá do MasterChef após dez anos.



## Um mercado inteiro para **CHAMAR DE SEU**



**S**abe aquele local que você trata como o quintal da sua casa, onde você se sente muito à vontade, onde você conhece cada cantinho especial e, apesar de parecer ‘confuso’, você não se perde? Esse local existe e fica bem ‘pertin’, a uns 450 quilômetros do Rio, tem nome e sobrenome e uma juventude quase secular; é o Mercado Central de Belo Horizonte.

O lugar é uma festa de sabores e aromas, um espetáculo visual no vai e vem dos corredores, sempre recheados de pessoas que sabem exatamente o que querem ali.

Paira uma memória afetiva no ar. O espaço, bem no Centro de BH, é um verdadeiro templo da baixa gastronomia com opções incríveis para ninguém pôr defeito. Dá para ‘discutir’ futebol com o Jorge que, de tal torcedor que é pelo América Mineiro, batizou seu restaurante, que serve o melhor

da culinária mineira – o frango ao molho pardo, com quiabo e a rabada com batata são imperdíveis – de Jorge Americano.

Antes, para abrir os trabalhos, uma passada imperdível na Tradicional Limonada, que para além do delicioso refresco temperado com groselha, há uma variação com gengibre e uma caipirinha inspiradora, a Caipi Vô. Comandada pelo Rai, a casa mantém a receita do elixir dos deuses, criada por seu avô, seu Gabriel, desde 1939 quando foi fundada.

As sobremesas podem ser um belo tascos de abacaxi gelado ou um bolo de fubá com Guaramão. A primeira está na praça homônima e dá a sensação de se estar degustando mel gelado; a segunda fica na Frau Bondan onde você complementa o quitute (em Minas chamam de quitanda) com um ‘cafezin’ coado na hora.

Energia repostada uma boa volta para ‘fazer a digestão’. Lá

você encontra absolutamente tudo, tudo mesmo; pensou? A resposta é tem! Dá para levar umas lembrancinhas, cachaaças, quitandas, doces, compotas, tapetes, vinis, colecionáveis, carnes, ferragens, hortifrutigranjeiros, memorabilia, calçados, enchidos, fumo de rolo e, obviamente, o queijo. São muitos e bons e a variedade é infinita. Claro que o destaque vai para o Queijo Minas Artesanal (QMA). A primeira parada e obrigatória é no Empório Herança Mineira. O pessoal de lá sabe tudo dessa iguaria trazida, pelos açorianos, às terras das Gerais.

Degustar cada um deles é como ler um poema de Drummond, é lembrar das aventuras de Riobaldo, é ter o “Coração Disparado” partindo da caneta de Adélia, é beber na fonte de Conceição, Macaé e Carolina. É simplesmente forrar o coração da mais pura e genuína alegria.

Esse quintal é meu, é seu, é dos mineiros e do mundo inteiro.



# Festival destaca games

Associação brasiliense vai realçar o papel dos jogos independentes em palestras

Por Mayariane Castro

Entre os dias 14 e 16 de novembro, Brasília recebe a terceira edição do Festival Luz, um evento que se consolida como um importante ponto de encontro para tecnologia, arte, cultura e inovação. Realizado na Arena BRB Mané Garrincha, o festival reúne uma série de atividades, como shows, workshops, palestras e experiências sensoriais. Um dos destaques desta edição será a participação da Associação de Desenvolvedores de Jogos do Distrito Federal (Abring), que irá explorar o universo dos jogos digitais, abordando temas como inteligência artificial (IA), computação gráfica, animação digital e o desenvolvimento do mer-



Divulgação

A Associação de Desenvolvedores de Jogos do DF é uma OSC sem fins lucrativos

cado indie de forma criativa. A palestra, intitulada “Games, Bizdev, IA, Computação Gráfica e Animação Digital - Explorando

o Mercado Indie de Forma Criativa”, acontecerá na quinta-feira, 14 de novembro, às 15h30, com entrada gratuita. A conversa

promete oferecer uma visão aprofundada sobre os desafios e as oportunidades no setor de jogos, abordando o uso de novas

tecnologias e a crescente presença dos jogos indie no Brasil e no mundo. O Festival Luz é reconhecido pela sua capacidade de unir tecnologia de ponta com diversas formas de expressão cultural. A programação deste ano inclui desde shows de artistas renomados, como MC IG, ORUAM e Jessica Brankka, até experiências imersivas em realidade aumentada e interações com IA. O evento visa proporcionar uma experiência sensorial completa aos participantes, estimulando a criatividade e a inovação.

## SERVIÇO

O evento acontece entre 14 e 16 de novembro na Arena BRB Mané Garrincha.

# Periferia ganha voz em podcast

Conhecido como Japão, o artista é uma figura emblemática do rap

Por Reynaldo Rodrigues

O Sem Kaô PodKast, um plano do artista local Japão (Viela 17) em parceria com o grupo Jovem de Expressão, foi produzido por alunos que participaram das oficinas da iniciativa, conta com a apresentação do rapper e traz convidados especiais. O projeto Sem Kaô PodKast realizou duas edições, reunindo dezenas de jovens em oficinas práticas e teóricas, onde puderam gravar

e produzir o próprio podcast. Todo o conteúdo, apresentado pelo rapper Japão, que celebra 35 anos de carreira, será lançado no canal do YouTube do artista. O primeiro episódio, com participação de Pablo Henrique, vai ao ar nesta sexta-feira (15), às 19h, também disponível no espaço Jovem de Expressão. Com seis episódios no total, o Sem Kaô PodKast será publicado semanalmente, às sextas-feiras, a partir do dia 15, no YouTube do rapper



Divulgação/Chris Soul

O PodKast conta é realizado pelo Jovem de Expressão

Japão (@Viela17OficialCEI). O episódio de estreia traz um bate-papo descontraído com Pablo Henrique, proprietário da Kane Barber Club.

Empreendedor da periferia, Pablo compartilha os desafios de empreender na quebrada e destaca o papel da barbearia como ponto de cultura e espaço importante para jovens negros da pe-

riperia. Além de ser apresentado pelo icônico rapper de Ceilândia, o Japão, que comemora 35 anos de trajetória com este projeto, o Sem Kaô PodKast também teve um impacto social significativo. “Os jovens que participaram das oficinas aprenderam a produzir e gerenciar seus próprios podcasts, com isso trouxeram questões relevantes para suas comunidades,

promovendo conscientização e inspirando mudanças”, destaca o artista.

## 35 anos de carreira

Comemorando 35 anos de carreira, o Marcos Vinícios de Jesus Moraes, conhecido no cenário musical como Japão, é uma figura emblemática do rap nacional e da transformação social através da arte. Natural de Ceilândia, Distrito Federal, Japão começou sua jornada no rap em 1989, quando integrou o grupo Esquadrão Mcs. O rapper também está com outros projetos para comemorar essa data. Lançou um álbum este ano e prepara um segundo para 2025. As comemorações da carreira se estendem até setembro de 2025.

## SERVIÇO

Sexta, às 19h  
Exibição no YouTube (@Viela17OficialCEI) e no Jovem de Expressão.

**SHOW****Ana Carolina canta Cássia Eller**

\*De 14 de novembro a 14 de dezembro, Brasília será palco de uma série de encontros entre artistas consagrados no país e no exterior. O Festival Estilo Brasil, oferecido pelo Banco do Brasil Estilo, irá reunir nomes como Ana Carolina, Xamã, Geraldo Azevedo, Poesia Acústica, Ivan Lins, Chico César, Paulinho da Viola, Silva, Stacey Kent e muito mais, em apresentações no Centro de Convenções Ulysses. A cantora se apresenta dia 16. Ingressos a partir de R\$110,00.

**Mechanics no Infinu**

\*Uma das bandas mais longevas do rock underground brasileiro, os Mechanics se apresentam neste domingo (17), a partir das 20 horas, no Infinu, na 506 Sul, Bloco A Loja 67/69, em Brasília. O show integra a turnê comemorativa pelos seus 30 anos de carreira. A noite também contará com a apresentação da banda Galinha Preta. A entrada é gratuita.

**Leo Maia canta soul**

\* Na noite de 22 de novembro, Brasília recebe no palco do Teatro dos Bancários Leo Maia em show com entrada franca. Filho do grande Rei da Soul Music, Tim Maia, Leo nasceu e cresceu no meio da música e herdou do pai a voz e a presença de palco. E aprendeu com ele, Tim, o gosto pela música e o compromisso com a profissão de músico. Abrindo a noite, às 20h, o Arte Fato recebe a banda brasiliense Patacorí.

**TEATRO****Torquato Neto em peça**

\*Neste que marca o retorno do ator ao teatro e à direção, apresenta uma leitura autoral sobre o poeta, escritor e jornalista piauiense Torquato Neto (1944-1972). Um dos mais importantes pensadores, artistas e provocadores da cultura brasileira nos anos 60/70, que se tornou conhecido em todo o país por ter sido uma das principais figuras do Tropicalismo. Num híbrido de poesia, show, aula espetáculo e debate, o ator Tuca Andrada transpõe para os palcos o legado de um dos nomes seminais do Tropicalismo. Com ingressos a R\$ 15 (meia entrada), à venda a partir de 15/11, a peça será apresentada de quinta a sábado, às 19h30, e domingo, às 18h30.



Ana Carolina homenageia Cássia Eller

# Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Ashley Melo



Torquato Neto em peça teatral

**Debandando Nas Escolas**

\* São 23 instrumentos. Por trás da máquina instrumental, encontra-se Debanda, que interpreta ao lado de sua filha, a Debandinha (Estela Vieira Lignelli), diversos personagens. Debanda é vivido pelo músico – ator e diretor César Lignelli. A produção musical Debandando Nas Escolas chega em novembro de 2024 para encantar estudantes, professores, diretores e o público em geral. A iniciativa, que desde 2017, já teve outras versões como o Debandando Nas Feiras, passará pela Rede de Ensino Público do Distrito Federal na nova versão que, para além da magia da história, das vozes, das canções e dos maquinários sonoros dará a oportunidade ao público escolar.

**Espectáculo Leão Rosário**

Jacqueline Lisboa



**Debandando Nas Escolas**

Divulgação



**Arte Urbana nas Escolas do DF**

Divulgação



**Mediação Teatralizada**

✦ Leão Rosário estreia no Centro Cultural Banco do Brasil Brasília dia 14 de novembro após temporadas bem-sucedidas de público e de crítica em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Em Brasília, a peça fica em cartaz até 8 de dezembro com sessões de quinta a sábado, às 20h, e domingo, às 18h. Os ingressos, a R\$ 30 (a inteira), começam a ser vendidos a partir do dia 8/11, sendo toda sexta feira da semana anterior, a partir das 12h na bilheteria do Centro Cultural.

**EXPOSIÇÃO**

**Figuras humanas expressivas**

✦ A CAIXA Cultural Brasília apresenta, entre os dias 12 de novembro e 12 de janeiro de 2025, a exposição “Hiper-realismo no Brasil”

Divulgação/ Lilo Clareto



**“Hiper-realismo no Brasil”**

Divulgação



**Exposição “Ficções Corporais”**

lismo no Brasil” de Giovani Caramello. O projeto tem entrada gratuita. A mostra já reuniu mais de 90.000 visitantes ao passar pela CAIXA Cultural de Curitiba, São Paulo, Recife e Fortaleza.

**“Ficções Corporais”**

✦ A partir da dança contemporânea e das artes visuais, o projeto “Sobre” investiga fabulações de corpos possíveis, com reflexão sobre o corpo feminino e as construções históricas e sociais que o atravessam. Com estes motes e mistura de linguagens artísticas, a artista e pesquisadora Déborah Alessandra criou a exposição “Ficções Corporais”, uma mostra que busca criar um espaço de reflexão e diálogo sobre as diversas formas de apreensão do corpo. A exposição estreia em noite de abertura no dia 14

de novembro, às 19h, na Casa de Cultura do Varjão - Quadra 2 S/N Varjão, próximo à entrada da cidade. Em cartaz até o dia 17 de novembro. Visitação das 9h às 21h. Gratuito. Livre para todos os públicos.

**PROJETO**

**Mediação Teatralizada**

✦ Após uma temporada de sucesso, o projeto Cidade Espetáculo - Aventura nos Três Poderes oferece gratuitamente a Oficina de Mediação Teatralizada, até 14 de novembro, na sala de cursos da Biblioteca Nacional de Brasília, com aulas das 14h30 às 18h. Os participantes serão convidados a entrar nos bastidores do projeto, desvendando o processo criativo por trás da construção de uma mediação teatralizada. As aulas propõem uma vivência prática e interativa, onde serão abordados os elementos centrais que compõem a dramaturgia, o treinamento e a concepção do projeto, que transforma a icônica Praça dos Três Poderes em um espaço de aventura e mistério.

**Websérie Cores da Resistência**

✦ O coletivo Distrito Drag lança a websérie Cores da Resistência, que começou a ser publicada pelo canal da entidade no Youtube ([youtube.com/@DistritoDrag](https://youtube.com/@DistritoDrag)). São seis episódios, disponibilizados sempre às terças, às 20h. A produção debate direitos, política, saúde e lutas da comunidade LGBTQIA+ no Brasil, além de apresentar personalidades que fazem parte do debate nacional por direitos humanos. A cada vídeo, um convidado reconhecido por sua atuação social fala sobre sua trajetória e sobre os desafios enfrentados pela população LGBTQIA+.

**Arte Urbana nas Escolas**

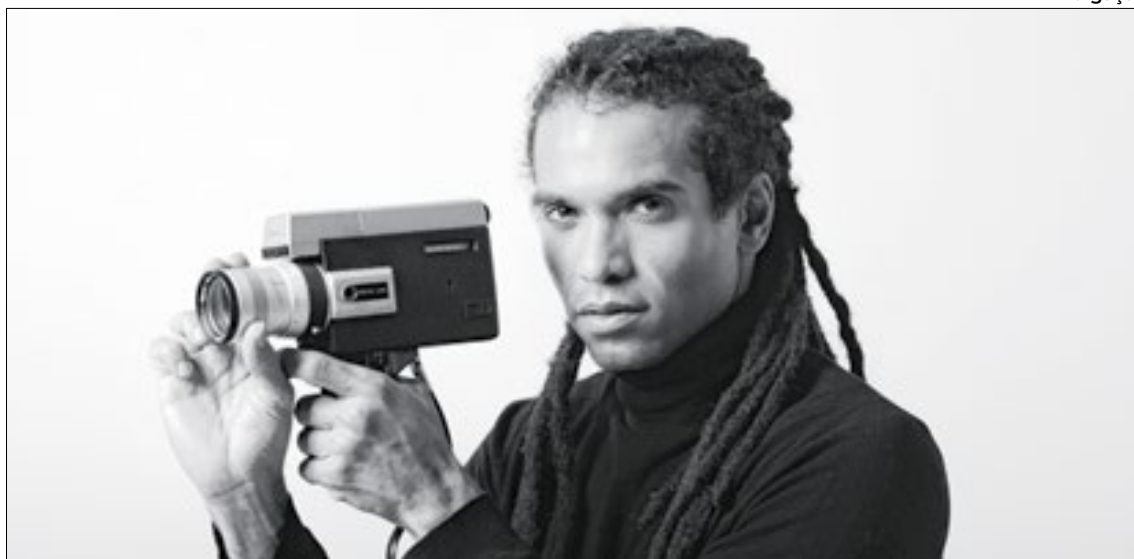
✦ O projeto Encontro Arte Urbana nas Escolas encerra sua 5ª edição neste mês de novembro com visitas a colégios em Ceilândia Norte, no dia 19. Ao todo, o projeto contempla nove instituições educacionais, sendo estas duas últimas ações apoiadas pela Lei Paulo Gustavo. “É um apoio muito importante que nos possibilita desenvolver com crianças e jovens inúmeras atividades que fazem parte da cultura hip hop. É uma interação que combina diversão e aprendizado de uma forma muito espontânea”, afirma o rapper Rivas, idealizador do projeto.

# Cerrado e Consciência

O Cerrado vira palco do curta-metragem que celebra o mês da consciência negra no DF

Por Mayariane Castro

O mês da Consciência Negra em 2024 ganha uma produção cinematográfica significativa no Distrito Federal com o início das gravações de “Árvore”, um curta-metragem infantil que está sendo rodado em áreas do bioma do Cerrado Brasileiro. O filme, dirigido, roteirizado e protagonizado pelo cineasta Venusto, tem como temática central o luto e a superação, explorando a história de uma família negra e a relação entre pai e filha no enfrentamento de estereótipos sociais e emocionais. Com duração de 15 minutos, o curta será uma produção educativa e sensível, voltada para o público infantil e com foco na empatia e resiliência,



Divulgação

**O diretor está rodando um curta-metragem que visa valorizar o Cerrado Brasileiro**

especialmente em tempos pós-pandemia. A produção é uma realização da Secretaria de Cultura do Distrito Federal (SECE-

C-DF), que patrocina o projeto, e está sendo filmada nas regiões administrativas do Núcleo Bandeirantes, com destaque para

paisagens naturais que ressaltam a riqueza do Cerrado, caracterizando o filme não apenas como uma obra cinematográfica, mas

também como um tributo ao bioma local. Com uma proposta inovadora, “Árvore” é um musical cinematográfico que, além de tratar de questões emocionais profundas, busca dialogar com o público infanto-juvenil sobre a experiência do luto de maneira acolhedora. O filme narra a história de Passarinho, uma menina que se recupera de uma doença grave, mas que logo enfrenta a perda de um amigo querido. Ao lado de seu pai, Jatobá, ela percorre um processo de luto e superação, aprendendo a lidar com os sentimentos de dor e perda. Venusto, que atua como o personagem Jatobá, explica que a obra busca sensibilizar as famílias e abrir espaço para discussões saudáveis sobre a morte.

## Ateliê 23 apresenta ‘Sebastião’

Serão três apresentações da Cia. no Cena Contemporânea 2024

Por Reynaldo Rodrigues

O Ateliê 23 está em Brasília para três apresentações do espetáculo “Sebastião” no Cena Contemporânea – Festival Internacional de Teatro de Brasília, que celebra sua 25ª edição em 2024. No sábado (16/11), a história do primeiro bar gay de Manaus será encenada no Teatro Sesc Newton Rossi, em Ceilândia, com entrada gratuita.

Representando a região Norte no Cena Contemporânea,

o Ateliê 23 foi convidado para o festival antes mesmo da estreia de “Sebastião”. Conhecido pelo sucesso de público e crítica com “Cabaré Chinelo” – peça que esgota ingressos desde novembro de 2022 –, o grupo amazonense vem se destacando nas curadorias de grandes festivais e consolidando sua importância no cenário nacional. “Eu sempre tive curiosidade sobre o teatro de Manaus e fiquei encantado com a qualidade e a contemporaneidade do tra-



Divulgação

**o grupo está no foco das curadorias de festivais**

balho do Ateliê 23, abordando temas universais”, diz Guilherme Reis, diretor do Cena Contemporânea e curador, em parceria com Daniele Sampaio. “Vivemos um momento de reafirmação de direitos e valores, e é fundamental que isso esteja presente no festival. ‘Sebastião’ traz uma grande contribuição nesse sentido.” Com direção

de Taciano Soares e Eric Lima, a produção traz para cena as personagens Sebastiane, Lady Sinty, Little Drag, Vênus, Angel, Carmencita e Chica, que, em 90 minutos, performam, cantam e compartilham experiências como homens gays. Tudo acontece dentro do Bar da Patrícia, no período da ditadura militar, e as memórias da década

de 1970, inspiradas no livro “Um Bar Chamado Patrícia”, do estilista Bosco Fonseca, se misturam a histórias reais.

“O Cena Contemporânea de Brasília é um festival importante do circuito de festivais nacionais no Brasil. Portanto, participar desse festival conecta o espetáculo ‘Sebastião’ e o Ateliê 23 ao circuito de artes cênicas brasileiras, conectando ainda os interesses do grupo e das curadorias no intuito de tornar uma programação mais plural”, destaca o ator Francis Madson, que interpreta Chica, a dona do bar. Além de Francis Madson, o elenco de “Sebastião” tem Andiy, Elias Difreitas, Eric Lima, Jorge Sabóia, José Holanda, Taciano Soares e a banda formada por Bruno Rodriguez, Guilherme Bonates, Luana Aranha e Mady.

### Temporada em casa

De volta a Manaus, o espetáculo fica em cartaz no Teatro Gebes Medeiros.

'Sebastião' é destaque no DF pela Cia. Ateliê 23

PÁGINA 16



O Cerrado vira palco de curta-metragem infantil

PÁGINA 5



Ana Carolina homenageia Cássia Eller em Brasília

PÁGINA 8



## 2º CADERNO

# 'Rusalka', de Dvorák, estreia no Rio

Elenco de peso participa da montagem da célebre ópera do compositor tcheco

**P**ela primeira vez no palco do Theatro Municipal do Rio, a ópera "Rusalka", de Antonín Dvorák (1841-1904), com Coro e Orquestra Sinfônica da casa, estreia nesta quinta-feira (14). A montagem é uma co-produção com o Auditório de Tenerife, na Espanha, país onde esteve em cartaz em março deste e agora, chega ao Brasil. A concepção e direção cênica é de André Heller-Lopes e a direção musical e regência ficam a cargo de Luiz Fernando Malheiro.

O argumento da ópera, que foi encenada pela primeira vez em 1901, é baseado numa fábula popular da Morávia, região da atual República Tcheca. Rusalka, a fada dos lagos, pede a

uma bruxa que a transforme em mulher para se entregar ao amor de um jovem príncipe. O poder da bruxa é limitado e a ninfa converte-se numa princesa muda.

A montagem contará com um elenco convidado de peso como Ludmila Bauerfeldt e Paolla Soneghetti, Giovanni Tristacci, Eliane Coelho e Tati Helene, Licio Bruno e Murilo Neves, Denise de Freitas e Fernanda Schleder, alternando-se nos principais papéis.

"Rusalka chega com elencos repletos de estrelas da lírica nacional, além de debuts em nossa temporada oficial. Conta ainda com alguns dos melhores artistas da casa. O Coro e a OSTM estão sob a regência do maestro Luiz Fernando Malheiro, que retorna ao nosso palco, após o grande sucesso de "La Traviata". Realmente, é imperdível essa linda produção", destaca o diretor artístico da Fundação Teatro Municipal do

Rio de Janeiro, Eric Herrero.

"Encenar Rusalka em pleno 2024 é como tentar encontrar uma "abertura", uma passagem mística que reconecta nosso mundo duro e muitas vezes cruel com uma certa esperança mágica das lendas. Um clássico com um desvio inesperado, um sabor especial", comenta o diretor cênico, André Heller-Lopes.

### SERVIÇO

#### RUSALKA

Theatro Municipal do Rio de Janeiro (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia)

14, 16 e 22/11, às 19h | 24/11, às 17h

Ingressos: Frisas e Camarotes – R\$ 90 (individual) | Plateia e Balcão Nobre – R\$ 80 | Balcão Superior e Lateral – R\$ 50 | Galeria Central e Lateral – R\$ 20